

Associação Nacional de História – ANPUH  
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**Imprensa, migração e propaganda no almanaque Wille Kalender (Blumenau – SC)**

Méri Frotscher<sup>1</sup>

**Resumo**

Com base na análise do *Wille Kalender*, almanaque publicado em língua alemã em Blumenau – SC (1934-1940 e 1952-1965) e distribuído principalmente no Sul do Brasil, tem-se como objetivo focalizar neste texto a importância deste tipo de periódico na propaganda de empresas de colonização e na difusão de imaginários sociais sobre a ocupação territorial de determinadas áreas do *Hinterland* brasileiro. Além disto, evidencia-se como este periódico, através da publicação de matérias impregnadas pela ideologia do progresso, investia numa identificação do descendente de alemães como dado às atividades de abertura de novas frentes de ocupação,

**Palavras-chave:** ocupação territorial - imprensa – propaganda

**Abstract**

Based on an analysis of *Wille Kalender*, an almanac published in German language in Blumenau – SC (1934-1940 e 1952-1965) for South Brazil, this text focuses the importance of this printings as propaganda for the colonization companies and spreading of positive images about the opening up of territories of Brazilian's Hinterland. Additional it is demonstrated how this almanac invested in the idea that the German descendents were suitable for opening new colonies.

**Key-words:** opening up of territories – press - propaganda

Práticas de escrita e leitura em língua alemã eram muito presentes no Vale do Itajaí – SC antes da Segunda Guerra Mundial. A multiplicidade das formas impressas nesta língua era assegurada principalmente pela presença significativa de um público-leitor (assegurada por uma ampla rede de “escolas alemãs”) e pela atuação permanente de alguns editores. Ali eram impressos dois grandes jornais em língua alemã, além de outros periódicos menores, livros e um tipo específico de literatura, muito comum no Sul do Brasil, os almanaques (FROTSCHER, 2004: 96-113).

O trabalho com almanaques publicados em língua alemã, muito lidos entre imigrantes e descendentes no Brasil, sobretudo antes da Segunda Guerra Mundial, pela riqueza de seu conteúdo, produção e circulação, permite uma diversidade de focos de análise. O objeto de maior investigação neste texto é o papel deste tipo de impresso na difusão de imaginários sociais acerca da ocupação territorial de determinadas localidades do país, positivadas na maior parte dos textos através do uso do termo “colonização”.

---

<sup>1</sup> Doutora em História (UFSC). Professora Adjunta dos cursos de Graduação e Mestrado em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Fonte de maior análise neste texto é o *Wille Kalender*, almanaque publicado em língua alemã em Blumenau entre 1934 e 1940 e 1952 a 1965. Este almanaque investia na divulgação de atividades de ocupação territorial no *hinterland* brasileiro e na identificação do migrante de ascendência alemã como dado às atividades de abertura de novas frentes de ocupação, através de material impregnado pela ideologia do progresso.

Segundo Irmgart Grützmann, os *Kalenders* constituíam “um meio de comunicação de massa que utiliza a linguagem verbal e não-verbal, destinado à informação, ao entretenimento e à formação dos leitores” (GRÜTZMANN, 2004: 49). Eram caracterizados por um gênero ao mesmo tempo literário e editorial, por material muito diverso e que, por esta razão, encontrava muita popularidade entre diversas camadas sociais. Esse tipo de impresso, cuja publicação se iniciou no Sul do Brasil em 1855, circulava no país principalmente até os anos mais repressores da Segunda Guerra Mundial, quando sua publicação em língua alemã foi proibida. Também existiram, porém, almanaques em língua alemã que foram publicados no Brasil depois desse período, muito embora em menor quantidade, como é o caso do *Wille Kalender*.

Este almanaque, editado em Blumenau pelo imigrante alemão Otto Wille, surgiu em 1934 e teve sua publicação interrompida em 1940 por conta da ruptura das relações diplomáticas do Brasil com a Alemanha (WILLE, 1961: 294). O próprio Wille foi submetido à humilhação pública durante os anos da guerra, retomando a publicação do almanaque em língua alemã em 1952, fazendo-o até 1965, um pouco antes de seu falecimento.

O proprietário e editor do almanaque Wille imigrou em 1904 para Blumenau (mais exatamente Hansa-Hamônia, no Alto Vale do Itajaí). Após trabalhar um tempo como ajudante do Pastor Paul Aldinger, que também era editor do jornal *Hansabote* e responsável pela Liga Escolar da localidade, Wille tornou-se comerciante e também se dedicou a atividades de colonização, abertura de estradas e à indústria madeireira no Alto Vale do Itajaí. Nos anos 20 mudou-se para Curitiba, onde se empregou na Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande e em 1928 retornou a Blumenau como representante comercial de uma grande firma (WILLE, 1961: 294 e 296). Estes fatos nos permitem melhor compreender a ampliação do público-alvo do almanaque, ainda na década de 30 (no final da década o almanaque deixa de se chamar *Wille's Deutscher Kalender für Südstaaten Brasiliens* – Almanaque Wille para os estados do Sul do Brasil, para se chamar *Wille's Deutscher Kalender für Brasilien* - Almanaque Wille em língua alemã para o Brasil).

De volume considerável, que variava de 256 a 368 páginas, dependendo da edição, o almanaque apresentava um conteúdo muito variado. Nas primeiras páginas inseriam-se

calendários mensais, informações astronômicas, previsões do tempo para o mês respectivo, calendários agrícolas específicos para cada estado do Sul do Brasil (no caso dos primeiros exemplares), reservando-se ao lado de cada calendário mensal, nos almanaques publicados até 1940, um espaço para o leitor fazer suas próprias anotações. Em seguida, publicavam-se artigos informativos sobre os mais diversos assuntos, relatos de viagem, descrições de estados brasileiros, material literário (contos, poesias, etc, os quais ocupavam grande parte do volume), relatos históricos, anedotas, informações úteis para a agropecuária, fotografias (geralmente de cidades e áreas rurais brasileiras), grande quantidade de anúncios (de cada duas páginas, uma, geralmente, era dedicada a anúncios) e, sempre, ao final, a coluna “Informações úteis” (composta por informações históricas, geográficas e demográficas do Brasil e do mundo, tarifas telegráficas, selos federais, tarifas postais, tabela de impostos, pesos e medidas, etc.).

O caráter de entretenimento e a ampla circulação dos almanaques faziam com que fossem ideais para propaganda de empresas, produtos e serviços. O próprio gênero de alguns textos, os quais podiam ser tomados pelo leitor como artigos informativos, mas que, em realidade, constituíam propaganda de produtos, desde medicamentos a terras, revelam uma forma diferenciada de propaganda da época. Tido muitas vezes como fonte impressa menos importante que os jornais, por exemplo, os almanaques, entretanto, constituem importante fonte de pesquisa para o historiador preocupado com práticas de escrita e também de leitura.

No editorial do primeiro número do almanaque, referente ao ano de 1934, o único impresso em letra gótica, o editor explicita que este impresso tinha como objetivo “servir ao *Deutschum*”<sup>2</sup>, na medida em que mostrava, “como no Sul do Brasil o espírito empreendedor alemão, a força e a tenacidade alemãs, associados ao trabalho alemão incansável, criou tudo aquilo que possibilitou a evolução e o progresso destes três estados, principalmente na área econômica” (WILLE, 1934).

Apesar do intuito de reforçar os laços étnicos entre os alemães e descendentes no Brasil, o editor parece não ter compartilhado do perfil editorial do outro almanaque em língua alemã existente em Blumenau desde 1933, o *Blumenauer Volkskalender*, do qual chegou a ser agente comercial até, logo depois, criar seu próprio almanaque. Este último, editado por um dos líderes do grupo local do partido nazista durante os anos 30, publicava editoriais e outras matérias imbuídos pela ideologia nacional-socialista. Wille deixa a entender a existência de divergências com o conteúdo desse periódico na justificativa para a criação do seu próprio almanaque, no editorial de sua primeira edição: “‘Mais um novo almanaque!’, talvez assim

---

<sup>2</sup> A denominação *Deutschum* fazia geralmente referência à língua e à cultura alemãs.

alguns dirão, quando este pequeno livro vier aos seus olhos. Nós então respondemos: 'Positivo, pois nós ainda não temos o [destacado em negrito pelo próprio editor] almanaque que melhor corresponda às nossas circunstâncias'.<sup>3</sup>

Enquanto o *Blumenauer Volkskalender*, ao longo de sua existência (1933-1938), publicava muito material relativo a Blumenau e região e à Alemanha, o Almanaque Wille publicava material mais diversificado. Muito embora este último almanaque também divulgasse a necessidade de manutenção da cultura e língua alemãs, não o fazia no sentido dos nacional-socialistas.

Devido a seus interesses nas atividades de ocupação territorial, Wille publicava constantemente relatos de viagem e de experiências de ocupação territorial no *hinterland* brasileiro, propagandas de venda de terras, anúncios de empresas ligadas direta ou indiretamente a estas atividades, o que será o recorte de análise aqui.

Os almanaques relativos aos anos 30 se referem principalmente à venda de terras no Oeste de Santa Catarina e no Norte do Paraná, havendo alguns poucos sobre o Vale do Itajaí. Um artigo do próprio Otto Wille sobre a ocupação do Vale do Itajaí desde o início do século XX relata as atividades da Sociedade Colonizadora Hanseática e de diversas empresas e/ou vendedores de terras, acentuando a existência de terras ainda disponíveis para compra, mas em áreas periféricas do Vale do Itajaí<sup>4</sup>. O intenso processo de divisão de terras impulsionava também habitantes a procurar novas terras não somente nas áreas periféricas, principalmente o Alto Vale do Itajaí, mas também noutras regiões do estado. Frente à urbanização e o adensamento populacional das velhas colônias, a migração era apontada em alguns materiais publicados no *Wille Kalender* como uma das saídas para as novas gerações. Através de material ali impresso pode-se perceber um forte movimento de migrações internas no Sul do Brasil, envolvendo, entre outros sujeitos, descendentes de imigrantes oriundos de antigas áreas de ocupação.

Com relação a Santa Catarina, as principais empresas de colonização divulgadas pelas edições do *Wille Kalender* dos anos 30 eram a Cia. Territorial Sul do Brasil, a Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ahroons & Cia., ambas com atividades de venda de terras no vale do rio Uruguai, a colônia de imigrantes católicos de Porto Novo, no Extremo Oeste de Santa Catarina, a colônia alemã de Pirabeiraba, em Joinville, entre outras. Os almanaques relativos aos anos de 1938 e 1939 trazem anúncios, fotografias e artigos relativos às atividades da Companhia de Terras Norte do Paraná, com sede em Londrina. Um anúncio,

---

<sup>3</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>4</sup> Sobre o processo de ocupação territorial do Vale do Itajaí nas primeiras décadas do século XX ver primeiro capítulo da tese de doutoramento da autora (FROTSCHER, 2003).

intitulado “Onde encontramos uma ‘nova pátria’ para nossos filhos? Junto à Companhia de Terras Norte do Paraná, com sede em Londrina” (título traduzido), ressalta as vantagens que “(...) permitem, em apenas poucos anos, transformar um solo coberto com matas em campos frutíferos. As vantagens e o progresso desta zona são tão imensos que somente uma visita em pessoa pode convencê-lo da verdade” (1938: 179).

No almanaque relativo a 1939, o editor publica um artigo de sua autoria com o título “Nord-Paraná, das Kalifornien Brasiliens” (Norte do Paraná, a Califórnia do Brasil), relatando sua viagem a Londrina, Rolândia e outras localidades próximas. Na edição relativa a 1940, cuja metade do material foi impresso em língua portuguesa, por conta da Campanha de Nacionalização,<sup>5</sup> um artigo sobre Londrina publicado em alemão e português, apresenta informações estatísticas sobre o denominado “progresso dinâmico do Norte do Paraná” (1940: 171-173).

No relato da abertura destas novas frentes de ocupação, o passado e as populações que ali viveram quase não aparecem. Quando são referidos, apenas atividades de um passado muito colado ao presente aparecem, com vistas a acentuar o progresso até então alcançado. Sobressai, geralmente, a referência a um futuro promissor como convite à aquisição de terras nestas localidades.

Anúncios de diversos estabelecimentos comerciais destas áreas de colonização procuravam mostrar aos leitores não somente a existência de uma infra-estrutura urbana, necessária aos desejosos de conhecer ou se instalar nas novas terras, mas também a presença de pessoas de origem alemã na localidade. A denominação de diversos estabelecimentos revela a origem étnica de muitos dos proprietários, geralmente identificados no anúncio (são alguns dos estabelecimentos citados: Deutsches Haus, Hotel Germânia, Padaria Germânia, Padaria e Confeitaria Allemã, Emporio Allemão, Photo Allemã, etc). Em alguns relatos, Otto Wille acentua a presença de blumenauenses naquelas localidades, alguns dos quais proprietários de estabelecimentos.

Com isso se parece querer aproximar diferentes locais ocupados por populações falantes da língua alemã no Brasil, muitas vezes geograficamente longínquos entre si e de se demonstrar a existência de redes sociais que facilitariam o processo de adaptação no novo lugar. Grande parte do material publicado pelo *Wille Kalender* relativo à ocupação territorial, tanto os da primeira como os da segunda fase, acentua a participação de descendentes de alemães e o seu papel no “desbravamento” do interior do país. A coexistência de material impresso sobre experiências migratórias e de ocupação territorial no passado e na época da

---

<sup>5</sup> Muitos dos artigos eram traduções de material publicado em alemão no mesmo volume.

publicação do almanaque não somente denota a presença da ideologia do progresso, mas também um investimento na idéia de uma predisposição dos descendentes de alemães a “desbravar” e transformar terras “virgens” em promissoras cidades. Estes discursos têm continuidade na segunda fase do almanaque.

Doze anos depois, Otto Wille retoma a edição do almanaque, cuja denominação permanece bilíngüe (*Almanaque Wille Kalender*), tal como o exemplar relativo a 1940.<sup>6</sup> No primeiro exemplar, já se percebem críticas ao autoritarismo do governo Vargas, mais especificamente a repressão à língua alemã e a censura, muito apenas em alguns poucos artigos. A tônica de muitos dos artigos relativos à cultura alemã não era rememorar este passado recente, mas se acentuar a importância de se retomar o ensino da língua alemã e de revigorar entidades dedicadas à cultura germânica.

Muitos artigos, imagens, poesias e outros materiais publicados nos anos 50 pelo *Almanaque Wille Kalender* continuavam a realimentar uma narrativa épica da colonização alemã no Sul do Brasil, através de diversos relatos históricos e comemorativos que focalizam diversas experiências de ocupação territorial no século XIX.

A afirmação do progresso era também a tônica de artigos relativos a novas experiências de ocupação territorial no Sul e Centro-Oeste do país, em que se destacava a mão-de-obra descendente de imigrantes alemães. Dentre esse material, destacam-se matérias sobre as atividades da Fundação Paranaense de Colonização e Imigração (1957: 251-252) e principalmente da Brasil-Paraná Loteamentos e Colonização Ltda, esta com atuação no Norte do Paraná (Londrina, Rolândia e região) e, a partir do final dos anos 50, sobre atividades de companhias de colonização no estado do Mato Grosso. O próprio Otto Wille se encarregava de relatar viagens a terras administradas por diversas destas empresas, como a Fundação Paranaense de Colonização e Imigração (1957: 250-252), a Brasil-Paraná Loteamentos e Colonização Ltda e a CONOMALI – Colonizadora Noroeste Matogrossense Ltda - da qual era representante autorizado para todo o estado de Santa Catarina (1959: 61).

As fotografias que acompanham muitos dos artigos buscam certificar os leitores do progresso do Norte do Paraná, já anunciado nos almanaques dos anos 30 e agora acentuados, por conta da rápida transformação daquela área. Fotografias da área urbana mostram prédios em alvenaria com mais de um andar e a considerável circulação de automóveis e transeuntes no centro de Londrina, mostrando não mais uma cidade em formação, mas uma cidade em pleno funcionamento. Os relatos apresentam inúmeras

---

<sup>6</sup> Nas edições dos anos 50 e 60 são inseridos alguns artigos impressos em duas versões, uma em alemão e outra em português. Entretanto, a maior parte do conteúdo dos almanaques desta fase é impressa em língua alemã, com exceção dos anúncios.

estatísticas atestando a produção e o desenvolvimento demográfico e urbano. O solo fértil é anunciado como a garantia da promessa de riqueza naquele “verdadeiro Eldorado”: “Em nenhum lugar se encontra um solo tão rico. Um verdadeiro Eldorado. A colheita supera cinco vezes mais do que todas as outras áreas, de modo que qualquer agricultor que trabalhe chega à riqueza” (WILLE, 1953: 255).

Nos relatos de viagem do editor a essa localidade, além de acentuar a presença de blumenauenses na localidade, procura mostrar sua familiaridade com estes e outros moradores (geralmente comerciantes e pessoas que ali progrediram). Esta e outras estratégias narrativas buscavam também aproximar o leitor oriundo de Blumenau com a localidade (WILLE, 1952: 212-220) e propagar a área como ideal para um novo “começo”. Além dos artigos, anúncios das empresas Brasil-Paraná Loteamentos e Colonização Ltda, de Londrina (com filial em Blumenau), anunciam as “melhores terras para cafeicultura” em Querência do Norte, “cidade do futuro do Norte do Paraná” (WILLE, 1953: 222). O próprio editor informa, num dos artigos, a compra de um terreno em Querência do Norte, atestando que dali se originaria brevemente uma grande cidade.

A gleba Roosevelt, Município de Aripuanã, Mato Grosso, vendidas pela Companhia de Terras do Aripuanã S.A., com sede em Londrina (1954: 389), são anunciadas, assim como a Gleba Arinos, no município de Diamantino, vendidas pela CONOMALI, passam a figurar em inúmeros artigos publicados nos anos 50 e 60, acompanhados por grande quantidade de fotografias.

A tematização da ocupação territorial no interior brasileiro, portanto, aparece sempre a partir da ótica das empresas colonizadoras ou de seus interesses. A própria atividade da colonização é vista como um empreendimento. É o que denota, por exemplo, uma das fotografias inseridas em artigo sobre a Gleba Arinos. Engenheiro agrimensor, diretor técnico e co-fundador da empresa colonizadora estudando atentamente assuntos ligados à colonização, revelando a idéia de empreendedorismo, planejamento e valorização do saber técnico (1956: 98). As condições econômico-sociais que engendram as migrações, o impacto ou as conseqüências de tais ocupações para as populações e o meio ambiente local, as condições desiguais de instalação no novo lugar, entre outros aspectos, não aparecem, pois não cabem ao propósito propagandístico.

A idéia de Marcha para o Oeste, título inclusive de um dos artigos sobre a Gleba Arinos (1956: 97-103) é presente e diversos relatos de viagem e fotografias imprimem a idéia de aventura (vista aqui positivamente) e pioneirismo de alguns homens no meio da selva amazônica. O discurso do desenvolvimentismo é o tom de muitos materiais publicados

relativos às atividades de ocupação do Mato Grosso, visto aqui como terra do futuro. A ocupação dessas áreas é relacionada ao mesmo movimento de interiorização do país, materializado pela construção de Brasília, como cita um artigo inserido no almanaque de 1959. A referência à construção da nova capital federal é seguida da afirmação: “o Brasil não somente busca a sua força das cidades costeiras, mas muito mais do seu interior” (ZWERGEL, 1959: 177-179).

No mesmo artigo, afirma-se o “espírito empreendedor” do elemento estrangeiro (no caso, norte-americanos e alemães), sujeitos que estariam transformando aquelas “áreas esquecidas” do país, largadas num “sono apático de Cinderela”, uma vez que: “infelizmente é ainda assim que essas áreas ainda se encontrem muito distantes para o brasileiro, seja porque ele quer primeiro esperar o desenvolvimento, seja porque lhe falte espírito empreendedor” (ZWERGEL, 1959: 178). Os recursos naturais desta área, como a existência de madeira de lei, era um dos motes da propaganda de venda de terras. A preocupação com a exploração econômica dos recursos naturais também é a tônica de artigo intitulado “O desbravamento econômico da região amazônica” (1959: 201-202). Ao lado da euforia em relação ao progresso, ecoam outras vozes. Num artigo relativo aos 25 anos de Londrina, o autor representa a “devastação florestal” de 60.000 quilômetros quadrados havida em 20 anos como um “crime monstruoso”, do qual seriam acusadas, em poucas décadas, as autoridades governamentais responsáveis. Interessante notar ainda a observação do autor de que haviam áreas planejadas pelo governo estadual e federal para serem reservas florestais e que, não obstante, foram sacrificadas (NIXDORF, 1960: 204).

Apesar desta voz dissonante, o material relativo às atividades de companhias de colonização publicados no *Almanaque Wille* investia na construção de um imaginário do progresso acerca dessas novas frentes de ocupação e talvez tenha influenciado alguns leitores a adquirir terras nestas localidades. Isto porque a decisão em migrar geralmente está conectada às imagens que os futuros migrantes têm do novo lugar. Os textos, anúncios, fotografias publicados materializavam em suporte de papel essas imagens, motivo pelo qual têm importância na análise dos processos migratórios.

### **Referências:**

FROTSCHER, Méri. Almanques e revistas publicados em alemão em Blumenau entre 1900 e 1965: fontes para pesquisa. *Blumenau em cadernos*, Blumenau, v. XLV, n. 07/08, p. 96-113, 2004.

- \_\_\_\_\_. *Da celebração da etnicidade teuto-brasileira à afirmação da brasilidade: ações e discursos das elites locais na esfera pública de Blumenau (1929-1950)*. Florianópolis, 2003. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História Cultural, Universidade Federal de Santa Catarina.
- GRÜTZMANN, Irmgart. O almanaque (Kalender) na imigração alemã na Argentina, no Brasil e no Chile. In: DREHER, Martin N.; RAMBO, Arthur B.; TRAMONTINI, Marcos J. (Org.). *Imigração & Imprensa*. XV Simpósio de História da Imigração e Colonização. Porto Alegre: EST Edições, 2004, p. 48-90.
- NIXDORF, Oswald. 25 Jahre Munizip Londrina. *Almanaque Wille Kalender*. Blumenau, 1960, 16a. Edição, 201-206.
- Wille's Deutscher Kalender für die Südstaaten Brasiliens*. Blumenau, 1934-1937, 1a. a 4ª. edições.
- Wille's Deutscher Kalender für Brasilien*. Blumenau, 1938-1939, 5a. e 6a. edições.
- Almanaque Wille Kalender*. Blumenau, 1940, 7a. Edição; 1952-1960, 8a. a 16. edição.
- Almanach Wille*, Blumenau, 1961-1965, 17ª. a 21ª. edição.
- WILLE, Otto. Nord-Paraná. *Almanaque Wille Kalender*, Blumenau, 1952, 8a. edição, p. 212-220.
- WILLE, Otto. Von Londrina nach Querência do Norte. *Almanaque Wille Kalender*, Blumenau, 1953, 9a. edição, p. 254-260.
- WILLE, Otto. Zum Geleit. *Deutscher Kalender für die Südstaaten Brasiliens*. Blumenau, 1934, 1a. edição.
- ZWERGEL, Helmuth. Matto Grosso hat eine grosse Zukunft. *Almanaque Wille Kalender*. Blumenau, 15a. Edição, 1959, p. 177-179.